

MODERNISMO E RUPTURA: IDENTIDADE, MEMÓRIA E DESCONSTRUÇÃO NA LITERATURA PORTUGUESA E ANGLÓFONA

Camila de Nazaré Colares da Costa
<https://orcid.org/0009-0008-5498-9754>
Email: camila.calculadora10@gmail.com

DOI-Geral: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1>
DOI-Individual: <http://dx.doi.org/10.47538/RA-2026.V5N1-19>

RESUMO: O modernismo consolidou-se como um dos momentos mais disruptivos da literatura, redefinindo as formas narrativas e problematizando conceitos como identidade, história e memória. No contexto português, Fernando Pessoa e José Saramago utilizaram a fragmentação da identidade e a revisão dos mitos nacionais para refletir sobre a condição histórica do país. Já na literatura anglófona, T. S. Eliot e William Faulkner exploraram a experimentação formal para expressar a crise da modernidade e a dissolução das certezas históricas. Este estudo tem como objetivo comparar o modernismo português e o anglófono, analisando como suas obras problematizam a construção da identidade e da memória coletiva. A metodologia adotada baseia-se na análise comparativa das obras *Mensagem* (Pessoa, 1934), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (Saramago, 1984), *The Waste Land* (Eliot, 1922) e *The Sound and the Fury* (Faulkner, 1929). A pesquisa examina a estrutura narrativa, o uso da intertextualidade e a fragmentação temporal como estratégias para desconstruir discursos históricos e identitários. Fundamentada em teóricos como Eduardo Lourenço, Hayden White e Linda Hutcheon, a análise evidencia que, embora os dois modernismos compartilhem inquietações semelhantes, suas abordagens variam conforme o contexto cultural e histórico. Os resultados indicam que, enquanto o modernismo português mantém um vínculo ambíguo com a tradição, buscando reinterpretá-la, o modernismo anglófono apresenta uma ruptura mais radical, expressando a impossibilidade de reconstrução da memória. Assim, a pesquisa contribui para os estudos de literatura comparada ao demonstrar como diferentes tradições modernistas responderam às transformações do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: Modernismo. Identidade. Memória. Literatura Comparada.

MODERNISM AND RUPTURE: IDENTITY, MEMORY AND DECONSTRUCTION IN PORTUGUESE AND ANGLOPHONIC LITERATURE

ABSTRACT: Modernism emerged as one of the most disruptive moments in literature, redefining narrative forms and problematizing concepts such as identity, history, and memory. In the Portuguese context, Fernando Pessoa and José Saramago used identity fragmentation and the revision of national myths to reflect on the country's historical condition. In Anglo-American literature, T. S. Eliot and William Faulkner explored formal experimentation to express the crisis of modernity and the dissolution of historical certainties. This study aims to compare Portuguese and Anglo-American modernism, analyzing how their works problematize the construction of identity and collective memory. The methodology is based on a comparative analysis of *Mensagem* (Pessoa, 1934), *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (Saramago, 1984), *The Waste Land* (Eliot, 1922), and *The Sound and the Fury* (Faulkner, 1929). The research examines narrative structure, intertextuality, and temporal fragmentation as strategies to deconstruct historical and



identity discourses. Grounded in theorists such as Eduardo Lourenço, Hayden White, and Linda Hutcheon, the analysis shows that, although both modernisms share similar concerns, their approaches vary according to cultural and historical contexts. The results indicate that while Portuguese modernism maintains an ambiguous relationship with tradition, seeking to reinterpret it, Anglo-American modernism presents a more radical break, expressing the impossibility of reconstructing memory. Thus, this research contributes to comparative literature studies by demonstrating how different modernist traditions responded to the transformations of the 20th century.

KEYWORDS: Modernism. Identity. Memory. Comparative Literature.

INTRODUÇÃO

O modernismo emergiu como um movimento de ruptura e inovação, refletindo as profundas transformações culturais, sociais e políticas que marcaram o início do século XX. Caracterizado pelo questionamento das formas tradicionais de expressão artística, o modernismo rejeitou os modelos clássicos e realistas em favor de uma estética fragmentada, experimental e provocativa. Na literatura, essa mudança foi evidenciada pela desconstrução da linearidade narrativa, pelo uso de múltiplas perspectivas e pela rejeição de concepções estáveis de identidade e história.

No contexto português, o modernismo assumiu uma particularidade própria, influenciado pelas condições históricas do país e pela necessidade de revisar sua identidade nacional. Fernando Pessoa e seus heterônimos, assim como escritores posteriores como José Saramago, lançaram mão de estratégias narrativas que problematizaram o passado glorioso de Portugal e suas projeções para o futuro. A tradição épica foi revisitada de forma ambígua, oscilando entre a exaltação e a ironia, ao mesmo tempo em que as noções de sujeito e nação passaram por um intenso processo de fragmentação e desconstrução.

Enquanto isso, na literatura inglesa e norte-americana, o modernismo também se desenvolveu como resposta às mudanças aceleradas da modernidade e ao impacto da Primeira Guerra Mundial. Autores como T. S. Eliot e William Faulkner utilizaram a literatura para expressar o colapso das certezas históricas e a dissolução da identidade individual. Suas obras foram marcadas pelo pessimismo em relação à continuidade da tradição e pela experimentação formal, evidenciada no uso de fluxos de consciência, na sobreposição de vozes narrativas e na justaposição de diferentes tempos e espaços.

A comparação entre os modernismos português e anglófono permite identificar tanto aproximações quanto divergências fundamentais. Em ambos os contextos, há uma recusa da linearidade e uma ênfase na fragmentação como reflexo de uma crise cultural e existencial. No entanto, enquanto na literatura portuguesa persiste um desejo de dialogar com a tradição para reinterpretá-la, no modernismo anglófono essa relação muitas vezes se dá em termos de um rompimento definitivo. Pessoa e Saramago buscam reconfigurar os mitos históricos e a identidade nacional, enquanto Eliot e Faulkner representam um mundo em colapso, onde a memória e a identidade se tornam instáveis e caóticas.

A escolha dos autores e das obras analisadas neste estudo fundamenta-se em sua relevância dentro do modernismo e na maneira como exploram a crise da identidade e da história. *Mensagem* (1934), de Fernando Pessoa, sintetiza a tensão entre tradição e modernidade, revisitando figuras heroicas do passado português ao mesmo tempo em que questiona a continuidade desse legado. *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), de José Saramago, leva essa reflexão adiante ao inserir um heterônimo de Pessoa em um contexto de repressão política, mostrando como a memória histórica pode ser instrumentalizada.

No campo anglófono, *The Waste Land* (1922), de T. S. Eliot, destaca-se por sua estrutura fragmentada e seu uso intenso da intertextualidade, refletindo o esfacelamento da cultura ocidental e a sensação de alienação moderna. Já *The Sound and the Fury* (1929), de William Faulkner, ilustra a crise da identidade através de uma narrativa desordenada, que rompe com a linearidade temporal para expor a decadência de uma família sulista e, simbolicamente, do próprio Sul dos Estados Unidos.

O objetivo deste artigo é analisar como essas obras problematizam a identidade nacional, a fragmentação do sujeito e a revisão dos mitos históricos dentro da perspectiva modernista. Ao comparar as produções literárias de Portugal e do mundo anglófono, busca-se compreender como diferentes contextos responderam às incertezas da modernidade e de que maneira essas literaturas se aproximam ou se distanciam em suas abordagens estéticas e temáticas.

A metodologia adotada baseia-se na análise comparativa das obras selecionadas, examinando seus recursos estilísticos, suas estruturas narrativas e os discursos que constroem sobre identidade e história. Para isso, serão consideradas as estratégias formais utilizadas por cada autor, como a fragmentação textual, a intertextualidade, a

desconstrução do tempo narrativo e o uso de múltiplas vozes. Além disso, serão mobilizadas teorias literárias sobre o modernismo e a construção da memória histórica, com base em estudos de autores como Eduardo Lourenço (1986), Hayden White (1973), Linda Hutcheon (1988) e Peter Nicholls (1995).

Ao longo do artigo, serão discutidos os principais pontos de convergência e divergência entre os modernismos português e anglófono, considerando a forma como essas literaturas lidaram com a crise do sujeito e com a redefinição das narrativas históricas. A análise permitirá observar como a literatura modernista não apenas refletiu as transformações do século XX, mas também antecipou debates que continuam relevantes na contemporaneidade.

A estrutura deste artigo está organizada da seguinte maneira: na primeira parte, será abordada a relação entre o modernismo português e a identidade nacional, destacando a fragmentação do sujeito em Pessoa e a crítica histórica em Saramago. Em seguida, será analisado o modernismo anglófono, com ênfase na desconstrução da narrativa e na problematização da memória histórica em Eliot e Faulkner. Por fim, serão discutidas as conclusões do estudo, refletindo sobre o impacto do modernismo na literatura comparada e suas contribuições para o entendimento das transformações culturais do século XX.

A literatura modernista revelou-se um território fértil para a experimentação e o questionamento, recusando-se a aceitar as narrativas estabelecidas e propondo novas formas de representar a subjetividade e o tempo histórico. Ao comparar a produção modernista em diferentes contextos, torna-se possível compreender como a literatura dialoga com seu tempo e, ao mesmo tempo, o transcende, oferecendo novas possibilidades de leitura sobre o passado, o presente e o futuro.

MODERNISMO E CONSTRUÇÃO DA NAÇÃO: IDENTIDADE E RUPTURA NA LITERATURA PORTUGUESA E ANGLÓFONA

A literatura modernista redefiniu as formas de representação da identidade nacional ao problematizar os mitos fundadores e questionar as estruturas narrativas que sustentavam a memória coletiva. Em Portugal, Fernando Pessoa e José Saramago revisitaram o passado nacional com um olhar ambíguo, oscilando entre a exaltação e a

desconstrução das figuras históricas. No universo anglófono, T. S. Eliot e William Faulkner utilizaram estratégias narrativas fragmentadas para evidenciar a crise da modernidade e a dissolução das certezas históricas.

A relação entre modernismo e nação manifesta-se de formas distintas, dependendo do contexto cultural e político de cada tradição literária. No caso português, *Mensagem* (Pessoa, 1934) se apresenta como uma obra que revisita o imaginário nacionalista, evocando figuras heroicas como Vasco da Gama e D. Sebastião. No entanto, a obra também insere uma nota melancólica e desencantada, sugerindo que o passado glorioso de Portugal é uma memória inatingível. Segundo Lourenço (1986), Pessoa estabelece uma dialética entre mito e realidade, na qual o nacionalismo é tanto reafirmado quanto colocado em crise.

Saramago, em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), leva essa problematização adiante ao introduzir um dos heterônimos de Pessoa em um contexto de repressão política durante o Estado Novo. A obra não apenas questiona a continuidade dos valores do passado, mas também evidencia a manipulação ideológica da história. White (1973) argumenta que a literatura desempenha um papel essencial na contestação da historiografia oficial, oferecendo novas formas de interpretar o passado. Essa perspectiva é evidente na narrativa de Saramago, que subverte a linearidade histórica ao mesclar ficção e realidade.

No campo anglófono, a relação entre modernismo e nação se dá por meio da fragmentação narrativa e da justaposição de vozes e tempos. Eliot, em *The Waste Land* (1922), apresenta uma colagem de referências históricas e literárias para sugerir a ruína da civilização ocidental. A obra reflete a sensação de deslocamento e fragmentação da identidade moderna, questionando a possibilidade de reconstrução da memória coletiva. Hutcheon (1988) observa que a intertextualidade desempenha um papel crucial na desconstrução dos discursos históricos, permitindo que o modernismo problematize a continuidade da tradição.

Já Faulkner, em *The Sound and the Fury* (1929), investiga a crise da identidade nacional a partir da decadência do Sul dos Estados Unidos. O romance é estruturado em diferentes fluxos de consciência, nos quais o passado escravocrata e aristocrático assombra o presente, tornando impossível qualquer forma de reconciliação com a história.



Segundo Nicholls (1995), a literatura modernista rompe com as narrativas tradicionais para expor a instabilidade da memória e a impossibilidade de uma identidade nacional homogênea.

Ao comparar os modernismos português e anglófono, torna-se evidente que ambos compartilham uma preocupação com a crise da identidade e a desconstrução dos discursos históricos. No entanto, suas abordagens diferem: enquanto a literatura portuguesa mantém um diálogo mais ambíguo com a tradição, revisitando-a para reinterpretá-la, o modernismo anglófono tende a enfatizar a ruptura definitiva e a impossibilidade de reconstrução da memória. Essa diferença reflete os distintos contextos culturais em que essas obras foram produzidas e as maneiras como cada tradição respondeu às transformações do século XX.

Dessa forma, a literatura modernista não apenas refletiu as mudanças da modernidade, mas também se tornou um espaço privilegiado para a reconfiguração das narrativas identitárias. A fragmentação do sujeito, a experimentação formal e a problematização da memória são elementos centrais desse movimento, que continua a oferecer novas perspectivas sobre a relação entre literatura, história e nação.

MODERNISMO E MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO E A RUPTURA DO PASSADO NA LITERATURA

A memória desempenha um papel essencial na literatura modernista, servindo como um meio de reconstrução e, ao mesmo tempo, de contestação do passado. Ao contrário das narrativas históricas tradicionais, que frequentemente buscam coerência e linearidade, os modernistas exploram a fragmentação e a instabilidade da memória, expondo sua natureza fluida e subjetiva. Tanto na literatura portuguesa quanto na anglófona, observa-se um esforço deliberado de questionar as versões oficiais da história e propor novas perspectivas para a construção da identidade nacional e cultural (WHITE, 1973).

Fernando Pessoa, em *Mensagem* (1934), exemplifica essa abordagem ao revisitar figuras emblemáticas da história portuguesa e mitificar a identidade da nação. No entanto, essa mitificação não ocorre sem ambiguidade. O poeta evoca o passado glorioso de



Portugal, mas sua poesia também expressa a impossibilidade de reviver esse passado de forma autêntica. Como observa Lourenço (1986), Pessoa oscila entre a exaltação da epopeia nacional e um tom de desencanto, sugerindo que a grandeza histórica pode ser uma construção ilusória. Esse dilema reflete a tensão entre tradição e modernidade, um dos eixos centrais do modernismo português.

Essa mesma problemática aparece na obra de José Saramago, que, décadas depois, revisita a tradição modernista de Pessoa e propõe uma abordagem mais crítica da memória histórica. Em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (1984), o autor insere um heterônimo de Pessoa no contexto do Estado Novo português, confrontando o passado literário com um momento de censura e autoritarismo. A narrativa de Saramago questiona a permanência de ideologias conservadoras que tentam cristalizar a identidade nacional em um passado idealizado. Como argumenta Hutcheon (1988), a ficção pode funcionar como um espaço de contestação da historiografia tradicional, desafiando a suposta objetividade das narrativas históricas.

Na literatura anglófona, observa-se um movimento similar de fragmentação e problematização da memória. Em *The Waste Land* (1922), T. S. Eliot constrói um poema que reflete a crise da civilização ocidental após a Primeira Guerra Mundial. A justaposição de vozes, referências literárias e mitos antigos não resulta em uma síntese harmoniosa, mas sim em um colapso narrativo que enfatiza a impossibilidade de uma visão unificada da história. O poema sugere que a memória cultural está fragmentada e que qualquer tentativa de reconstruí-la inevitavelmente revelará sua artificialidade e inconsistência (ELIOT, 1922).

William Faulkner, por sua vez, investiga a memória individual e coletiva em *The Sound and the Fury* (1929), explorando a decadência de uma família sulista dos Estados Unidos. O romance é estruturado de forma descontínua, alternando perspectivas e desafiando a linearidade temporal. A memória, longe de ser um elemento confiável, torna-se um espaço de angústia e desorientação para os personagens, evidenciando como o passado pode aprisionar o presente e impedir o progresso. Como destaca Nicholls (1995), a experimentação narrativa de Faulkner reflete não apenas a fragmentação da identidade individual, mas também a instabilidade das grandes narrativas históricas.

A forma como esses autores lidam com a memória não se restringe ao conteúdo



de suas obras, mas também se manifesta na experimentação formal que caracteriza o modernismo. Pessoa, ao criar múltiplos heterônimos, não apenas diversifica as perspectivas narrativas, mas também fragmenta sua própria identidade como autor, recusando-se a oferecer uma única versão da realidade (Pessoa, 1934). Eliot, em *The Waste Land*, rompe com a estrutura tradicional do poema, criando uma sequência de imagens e referências desconectadas que exigem um leitor ativo para reconstruir seus sentidos possíveis. Saramago desestabiliza a pontuação e a sintaxe convencionais, criando um fluxo narrativo que imita a fluidez da memória e da consciência. Faulkner, por sua vez, apresenta sua história de forma não linear, forçando o leitor a navegar por diferentes camadas temporais e subjetivas.

Essa ruptura com as convenções narrativas não é um mero experimento estilístico, mas reflete uma postura crítica em relação à construção do passado. Como observa White (1973), a forma como a história é contada tem um impacto direto na maneira como as sociedades compreendem sua própria identidade. Os modernistas, ao desmontarem a linearidade e a coesão das narrativas históricas, questionam a validade dessas construções e sugerem que a memória deve ser constantemente reavaliada e reinterpretada.

A literatura modernista, portanto, propõe um novo olhar sobre a memória, recusando a ideia de um passado fixo e imutável. Em vez disso, ela enfatiza sua natureza fragmentária e a necessidade de revisitação contínua. Em *Mensagem*, a glória de Portugal é simultaneamente exaltada e problematizada, revelando uma nação em busca de sentido (Lourenço, 1986). Em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, a literatura e a história entram em um diálogo crítico, questionando a forma como o passado é instrumentalizado para justificar discursos políticos contemporâneos (Saramago, 1984).

Eliot e Faulkner, por sua vez, desmontam a crença na memória como um mecanismo confiável de identidade. Em *The Waste Land*, os fragmentos de diferentes tradições culturais não formam um todo coeso, mas sim um mosaico de ruínas que refletem a perda de sentido na modernidade (Eliot, 1922). Já em *The Sound and the Fury*, a estrutura narrativa confusa e os múltiplos pontos de vista revelam que a memória pode ser um espaço de conflito e alienação, mais do que um meio de compreensão do passado (Faulkner, 1929).



Em última instância, o modernismo redefine o papel da memória na literatura ao transformá-la em um elemento de questionamento e reinvenção. A história não é apresentada como uma sequência de eventos fixos, mas como um campo de disputas e reinterpretações. Como sugere Hutcheon (1988), a relação entre literatura e história não deve ser vista como uma simples reprodução de fatos, mas como um processo ativo de construção de significado. Os modernistas abriram novas possibilidades para essa construção, permitindo que o passado fosse lido de maneiras diversas e adaptáveis ao presente.

O impacto dessas inovações continua relevante, influenciando a forma como a literatura contemporânea lida com o tempo, a identidade e a memória. O modernismo mostrou que a narrativa histórica pode ser tão subjetiva quanto a ficção, e que a literatura pode oferecer não apenas uma alternativa à história oficial, mas um meio de contestá-la e ressignificá-la. Assim, ao explorarem a fragmentação da memória e a complexidade da identidade, os modernistas não apenas refletiram a crise do início do século XX, mas também anteciparam debates que permanecem centrais na teoria literária e historiográfica contemporânea.

MODERNISMO E MEMÓRIA: A CONSTRUÇÃO E A RUPTURA DO PASSADO NA LITERATURA

A literatura modernista estabelece uma nova relação com o passado, não mais como um repositório de certezas e tradições inquestionáveis, mas como um espaço de disputa, reconstrução e contestação. Ao revisitar a memória cultural e nacional, os modernistas desconstruíram as narrativas hegemônicas e revelaram as contradições subjacentes à identidade coletiva. O passado, nessa perspectiva, não é um elemento fixo, mas um campo instável, onde mitos, história e subjetividade se entrelaçam em um processo contínuo de ressignificação (White, 1973).

A fragmentação da memória e a sua reconstrução crítica encontram-se de maneira emblemática na obra *Mensagem* (Pessoa, 1934). O poeta recupera o imaginário das grandes navegações e dos heróis portugueses, mas o faz com uma ambivalência que oscila entre a exaltação épica e o desencanto melancólico. A estrutura do poema reforça essa



ambiguidade, pois, ao mesmo tempo em que busca resgatar uma tradição, não se compromete inteiramente com ela. Como aponta Lourenço (1986), a obra de Pessoa traduz a crise da identidade nacional portuguesa, presa entre um passado glorioso e um presente de incertezas.

A tensão entre passado e presente se intensifica na narrativa de Saramago em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (Saramago, 1984). Diferentemente de Pessoa, que mitifica a história, Saramago subverte a memória oficial ao inserir um heterônimo do poeta modernista em um contexto histórico marcado pelo autoritarismo do Estado Novo. A obra questiona as bases ideológicas da identidade nacional e expõe a permanência de discursos ultrapassados no Portugal contemporâneo. A literatura, nesse sentido, torna-se um espaço de resistência e contestação, desafiando a historiografia tradicional e oferecendo novas formas de interpretar o passado (Hutcheon, 1988).

A literatura modernista anglófona também incorpora a fragmentação da memória como um dos seus principais traços distintivos. *The Waste Land* (Eliot, 1922) exemplifica essa abordagem ao estruturar seu poema como uma colagem de referências, vozes e mitos desconectados. O efeito resultante é uma sensação de deslocamento e crise, na qual o passado não é um território de segurança, mas um arquivo de ruínas e discursos fragmentados. Eliot, ao invés de resgatar uma tradição cultural coerente, expõe sua desintegração, revelando a incapacidade da modernidade de construir uma visão unificada da história (White, 1973).

A relação entre memória e identidade assume contornos ainda mais intensos na prosa modernista, especialmente em *The Sound and the Fury* (Faulkner, 1929). O romance apresenta uma estrutura narrativa descontínua, na qual diferentes personagens oferecem perspectivas sobre a decadência de sua família e da cultura sulista dos Estados Unidos. A memória, nesse contexto, não é um meio de compreensão, mas um obstáculo para os personagens, que permanecem presos a um passado idealizado e incapazes de se adaptar ao presente. Faulkner, assim, desconstrói o mito do “Sul glorioso”, revelando sua ligação indissociável com o racismo, a desigualdade e a desintegração social (Nicholls, 1995).

A fragmentação da memória no modernismo não se limita a uma escolha estética, mas reflete uma concepção específica do tempo e da história. Como argumenta White



(1973), a forma como a história é narrada define a maneira como a sociedade comprehende sua identidade. Os modernistas rejeitam as grandes narrativas lineares e propõem, em seu lugar, discursos que expõem a descontinuidade e a pluralidade da experiência histórica. Essa perspectiva pode ser observada tanto na multiplicidade de vozes em Eliot quanto na simultaneidade de temporalidades em Faulkner, evidenciando que a memória é um campo de disputa e reconstrução constante.

Além disso, a ruptura com a narrativa tradicional manifesta-se na própria materialidade dos textos modernistas. Pessoa, ao criar heterônimos, desestabiliza a noção de autoria e identidade, multiplicando as perspectivas sobre a memória e a subjetividade (Pessoa, 1934). Saramago, ao explorar uma narrativa sem pontuação convencional, imita o fluxo desordenado da consciência e da lembrança, criando uma estética que reflete a fluidez do tempo e da história. Eliot, ao justapor referências desconectadas, obriga o leitor a recompor significados fragmentários, enquanto Faulkner conduz a experiência narrativa para um labirinto temporal, no qual passado e presente se confundem.

A relação entre literatura e memória, portanto, não se limita à tematização do passado, mas também se manifesta na estrutura dos textos e na forma como os escritores modernistas organizam suas narrativas. A literatura se transforma em um espaço de experimentação, onde a memória não é apenas evocada, mas reconfigurada, desconstruída e, por vezes, contraditada. Como observa Hutcheon (1988), a literatura modernista antecipa o pensamento pós-moderno ao problematizar a relação entre discurso e história, demonstrando que a memória é sempre uma construção e nunca um reflexo fiel da realidade.

Essa desconstrução da memória histórica não apenas influenciou a literatura subsequente, mas também teve impacto sobre a teoria literária e historiográfica. A obra de White (1973) demonstrou como a narrativa histórica é estruturada segundo convenções literárias, invalidando a noção de uma objetividade absoluta nos relatos do passado. Hutcheon (1988) ampliou essa perspectiva ao argumentar que a literatura pode atuar como um contraponto às narrativas dominantes, subvertendo seus pressupostos e revelando suas contradições.

No contexto português, a tradição modernista inaugurada por Pessoa e radicalizada por Saramago exemplifica essa dinâmica. A identidade nacional não é



representada como um dado fixo, mas como um conceito em disputa, constantemente revisitado e reinterpretado. Em *Mensagem*, o passado português é ao mesmo tempo celebrado e problematizado, enquanto em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, a relação com o passado se dá através do confronto entre ficção e história, demonstrando que a memória é um elemento maleável, sujeito a reconfigurações contínuas (Lourenço, 1986).

Já no modernismo anglófono, a memória não apenas é fragmentada, mas também marcada por uma sensação de desolação e perda. A fragmentação temporal em Faulkner e a intertextualidade caótica de Eliot apontam para um esgotamento das narrativas tradicionais e a necessidade de reavaliar os fundamentos da cultura ocidental. Esses autores apresentam a história como um ciclo de ruínas, um conjunto de discursos sobrepostos que se contradizem e se desfazem, sem oferecer uma versão definitiva dos acontecimentos (Nicholls, 1995).

Dessa forma, a literatura modernista assume um papel ativo na desconstrução da memória e na revisão das concepções de identidade. Se, no século XIX, a literatura frequentemente funcionava como um meio de consolidar mitos nacionais e reforçar discursos históricos, no modernismo ela se torna um espaço de contestação e reinterpretação. A história não é mais apresentada como um conjunto de fatos objetivos, mas como uma construção que deve ser questionada, analisada e, se necessário, reinventada.

Essa perspectiva ressoa ainda na literatura contemporânea, que continua a problematizar a relação entre memória, identidade e narrativa histórica. A fragmentação e a polifonia modernistas abriram caminho para novas formas de representação do tempo e da subjetividade, demonstrando que o passado não é uma entidade estática, mas um elemento dinâmico, em constante transformação. Assim, a literatura modernista não apenas refletiu as inquietações de seu tempo, mas também antecipou debates fundamentais sobre a construção da memória e a natureza do discurso histórico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do modernismo português e anglófono revela tanto convergências estruturais e temáticas quanto divergências motivadas por contextos históricos e

culturais distintos. Se por um lado esses movimentos compartilhavam o desejo de ruptura com formas literárias convencionais e a necessidade de reavaliar a identidade nacional e individual, por outro, o modo como cada tradição desenvolveu essas questões demonstra especificidades que merecem ser destacadas.

O modernismo português, representado por Fernando Pessoa e José Saramago, trouxe a fragmentação da identidade como um dos eixos centrais de sua produção. A multiplicidade de vozes e heterônimos de Pessoa reflete uma busca incessante por um sentido de identidade nacional que se desfaz a cada tentativa de fixação. *Mensagem* (Pessoa, 1934) recupera mitos históricos portugueses, mas o faz de maneira ambígua, oscilando entre a exaltação épica e um tom de melancolia e descrença. A história de Portugal não é narrada como um progresso linear, mas como uma herança fragmentada, cujas glórias do passado não garantem a continuidade no presente.

Já em *O Ano da Morte de Ricardo Reis* (Saramago, 1984), o diálogo com Pessoa é reconfigurado para um contexto político e histórico. O autor reconstrói a Lisboa de 1936 e insere Ricardo Reis, um dos heterônimos de Pessoa, nesse espaço autoritário do Estado Novo. Com isso, Saramago propõe uma reflexão sobre a persistência de estruturas conservadoras na sociedade portuguesa e sobre como o passado pode ser manipulado e reinterpretado conforme interesses ideológicos. O romance se torna, assim, um exemplo da relação entre literatura e história, evidenciando como a memória nacional pode ser tanto um instrumento de poder quanto um espaço de contestação (Hutcheon, 1988).

No modernismo anglófono, essa mesma questão se manifesta, mas de maneira ainda mais radical no plano formal. T. S. Eliot e William Faulkner, dois dos maiores expoentes do movimento, abordam a fragmentação não apenas como um tema, mas como um procedimento estrutural. *The Waste Land* (Eliot, 1922) rompe com a linearidade e oferece um mosaico de referências desconectadas, forçando o leitor a reconstruir significados por meio da intertextualidade. A crise da modernidade se reflete na própria materialidade do poema, no qual vozes e tempos se sobrepõem sem uma unidade clara, sugerindo que a identidade cultural ocidental se encontra esfacelada (Nicholls, 1995).

Faulkner, por sua vez, leva essa fragmentação para a narrativa ficcional em *The Sound and the Fury* (Faulkner, 1929). O romance apresenta múltiplas perspectivas sobre um mesmo evento, construindo um enredo descontínuo, no qual a memória e a



subjetividade dos personagens distorcem o tempo e os acontecimentos. A identidade, tanto individual quanto social, se torna um campo de incertezas, marcado pela impossibilidade de reconstruir um passado coerente. Assim como Eliot, Faulkner não apenas tematiza a fragmentação da memória, mas a insere na própria forma de sua narrativa, rompendo com a estrutura convencional do romance do século XIX.

A grande convergência entre os modernistas portugueses e anglófonos reside, portanto, no esforço de problematizar o passado e suas representações literárias. Ambos os contextos exploram a relação entre memória e identidade, mas o fazem de modos distintos. Enquanto Pessoa e Saramago revisitam a história de Portugal para questionar sua continuidade e relevância no presente, Eliot e Faulkner dissolvem qualquer noção de linearidade, expondo o colapso da civilização ocidental e a fragmentação do sujeito moderno.

Se no modernismo português há uma tentativa, mesmo que frustrada, de reconstruir um sentido de identidade nacional, no modernismo anglófono o colapso dessa identidade já é um dado assumido. Isso pode ser explicado pelos diferentes momentos históricos em que essas obras foram escritas. O modernismo anglófono emerge no pós-Primeira Guerra Mundial, um período de profunda crise nos valores ocidentais. Já o modernismo português, apesar de também estar inserido no contexto europeu de incertezas, carrega uma relação mais ambígua com a tradição, oscilando entre a necessidade de ruptura e a recuperação da memória nacional como um possível eixo de identidade.

Outro aspecto fundamental para diferenciar esses dois contextos é o modo como os modernistas portugueses e anglófonos lidam com o tempo e a narrativa. Em *Mensagem*, Pessoa propõe um tempo cíclico, no qual Portugal aguarda a ressurreição de seu esplendor histórico. Em *O Ano da Morte de Ricardo Reis*, Saramago rompe com essa perspectiva ao inserir seu protagonista em um momento de transição política, demonstrando que o passado não pode ser revivido sem consequências. Por outro lado, Eliot e Faulkner radicalizam a ideia de tempo fragmentado: *The Waste Land* mistura diversas épocas sem estabelecer uma continuidade entre elas, enquanto *The Sound and the Fury* apresenta uma narrativa não linear, marcada pelo fluxo de consciência e pela descontinuidade temporal (White, 1973).

A literatura comparada se beneficia enormemente da análise dessas obras, pois permite compreender como diferentes tradições lidam com questões universais, como identidade, memória e história. O modernismo, como movimento transnacional, possibilita uma reflexão sobre as formas de resistência cultural e estilística diante das crises do século XX. Enquanto Pessoa e Saramago tentam dialogar com a tradição para reformulá-la, Eliot e Faulkner assumem a fragmentação e o colapso como pontos de partida, rejeitando qualquer possibilidade de síntese ou reconstrução.

As limitações deste estudo podem ser apontadas no recorte de autores e obras analisados. Embora Pessoa, Saramago, Eliot e Faulkner sejam referências centrais para suas respectivas tradições, outros escritores modernistas poderiam ampliar ainda mais a compreensão sobre os processos de ruptura e reconstrução identitária. No contexto português, a relação do modernismo com o neorrealismo poderia ser mais explorada, especialmente considerando as transformações políticas e culturais do século XX. Já na literatura anglófona, a análise poderia se expandir para escritores como James Joyce, cuja obra *Ulysses* (1922) exemplifica outra forma de experimentação narrativa e problematização da memória.

Para pesquisas futuras, seria interessante aprofundar como o modernismo dialoga com as estéticas pós-modernas, especialmente na forma como autores posteriores lidam com os temas da fragmentação e da desconstrução da história. Além disso, a recepção dessas obras em contextos culturais distintos pode revelar novas interpretações sobre os impactos do modernismo na literatura global.

Por fim, este estudo evidencia que a literatura modernista não apenas refletiu as angústias e rupturas do século XX, mas também antecipou muitas das questões que ainda são debatidas na contemporaneidade. A problematização da identidade, a fragmentação do tempo e a desconstrução da memória continuam sendo temas centrais na literatura e na teoria crítica, demonstrando a relevância contínua dessas obras para o pensamento atual. O modernismo, mais do que um período específico da literatura, representa um modo de questionar, reconstruir e desafiar as formas tradicionais de narrativa e representação, um legado que permanece vivo e instigante nos estudos literários e culturais.



REFERÊNCIAS

- ELIOT, T. S. **The Waste Land**. Londres: Faber & Faber, 1922.
- FAULKNER, William. **The Sound and the Fury**. Nova York: Jonathan Cape & Harrison Smith, 1929.
- HUTCHEON, Linda. **A Poetics of Postmodernism: History, Theory, Fiction**. Nova York: Routledge, 1988.
- LOURENÇO, Eduardo. **Fernando Pessoa**: Rei da Nossa Baviera. Lisboa: Gradiva, 1986.
- NICHOLLS, Peter. **Modernisms: A Literary Guide**. Berkeley: University of California Press, 1995.
- PESSOA, Fernando. **Mensagem**. Lisboa: Ática, 1934.
- SARAMAGO, José. **O Ano da Morte de Ricardo Reis**. Lisboa: Caminho, 1984.
- WHITE, Hayden. **Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1973.

Submissão: setembro de 2025. Aceite: outubro de 2025. Publicação: janeiro de 2026.

